

Violência continuada e indiferença pública

Editorial DN 6 Março 2010

Uma coisa são as brigas espontâneas entre miúdos, que sempre houve e haverá nos recreios e nas imediações das escolas, em toda a parte do mundo. Outra coisa, bem diferente, é a prática de agressões continuadas e da humilhação, física e psicológica, premeditada e persistente com o fim de amesquinhar quem demonstra ser vulnerável a tais práticas.

Este fenómeno, aparentemente, não tem merecido até ao momento grande preocupação, nem justificado alarme por parte dos responsáveis de cada uma das nossas escolas, dos ministros aos professores.

O que hoje existe entre muitos pais é a consciência de que a escola acaba por ser o centro formador do carácter dos seus filhos, nas múltiplas facetas de uma educação integral.

É bem certo que a universalidade do ensino obrigatório transferiu para dentro das salas de aula os problemas da socialização de milhares de crianças e de jovens oriundos de famílias disfuncionais. E que a escola pública se vê hoje confrontada com um nível de complexidade no relacionamento social inédito em décadas anteriores.

Está por demonstrar que a prática das agressões continuadas (o chamado bullying) esteja a aumentar nos nossos dias. Mas, ainda assim, não é tolerável conselhos directivos fingirem que não sabem ou não querem saber quando são confrontados com fenómenos de violência repetida e incontrolada nos seus estabelecimentos de ensino.

O acto desesperado do jovem de Mirandela teve um prelúdio, que devia ter feito soar todos os alarmes, ao ter tido de ser tratado com ferimentos graves, devido a maus tratos dos seus crónicos perseguidores.

Não fazer nada é ser negligente. Apurar se houve crime por omissão é questão que tem de ser apurada. Neste e em todos os outros casos de idêntica natureza.